

# AUTOMEDIALIDADE: A CRIAÇÃO ESTÉTICA COMO PRÁTICA HUMANA DE REINVENÇÃO DE SI, DO OUTRO E DO MUNDO

## Apresentação

O dossiê *Automedialidades: práticas (auto)formativas de criação estética* destaca-se por sua inovadora perspectiva epistêmica, teórica e de métodos de investigação no âmbito da pesquisa (auto)biográfica em educação. Como se verá nos textos aqui reunidos, as temáticas voltam-se para o terreno de práticas, sem dúvidas, ancestrais, a dança, a música, o grafismo, uma vez que a criação estética é um modo de expressão criativa do humano, desde tempos imemoriais. No entanto, enquanto campo de estudo automedial, essas práticas se apresentam para a pesquisa (auto)biográfica como uma forma de compreensão do humano constituir-se sujeito e do seu poder de expansão de si como ator-criador, narrador e agente social.

A noção de *automedialidade*, como se sabe, nasce nos estudos literários e estéticos, e se caracteriza enquanto espaço-tempo do humano e de seu direito de exercer sua liberdade de criar e de se auto(re)criar. Nesse sentido, tal conceito dá lugar a uma fecunda expansão de objetos de pesquisa ao ampliar para além da escrita (*grafia*), outras modalidades gráficas – desenho, pintura, música, gestos... – como forma mediadoras das relações do si mesmo (*autos*) com a vida (*bios*), com o outro (*alter*), com o eu (*ego*) e com a Terra, nosso *habitat (oïkos)* natural.

É inegável que o humano, desde as mais remotas manifestações gráficas até as mais recentes tecnologias, se esforça para deixar traços de sua forma de perceber o mundo e de se perceber no mundo. As investigações científica, literária e estética buscam a sistematização

epistêmica e de métodos deste poder criador. E ao focalizar a noção de automedialidade, como modo de constituição de si, buscam encontrar processos fundantes da constituição do ser individual e coletivo. A ênfase recai sobre a materialidade do meio (*medium*) tais como sons, acordes, gestos, palavras, materiais, tecido, barro, ferro, papel, gráficos, cores, imagens..., com os quais o ser humano imprime o gesto de sua criação estética, ao tempo em que o *medium* imprime, por sua vez, suas próprias marcas em quem dele se apropria para fazer uma obra. Nesse sentido, a materialidade do *medium* já não é entendida apenas como um instrumento de *expressão* do ser, mas como *mediadora* de sua humanização, ou seja, como fonte de subjetivação e de socialização.

As contribuições enviadas e aceitas para compor o presente dossiê visam interpelar, por um lado, as práticas artísticas, estéticas, literárias, digitais, através das quais o sujeito transfigura a vida, reinventa a si mesmo e o outro mediante autonarrações ou heteronarrações plásticas, sejam elas musicais, visuais, escritas, fotográficas, gestuais, cenográficas... Os trabalhos aqui reunidos contemplam essa perspectiva e seguem na seguinte ordem.

*Medialidades biográficas, práticas de si e do mundo* de Christine Delory-Momberger e Jean-Claude Bourguignon, da Université de Paris Sorbonne Cité, é um texto que se volta para as noções de *medium* e de *medialidade*, cujo objetivo é oferecer pistas para se conceber a *automedialidade* no processo inerente às relações do si mesmo com os *mediuns* na cons-

tituição da subjetividade. Os autores mostram o papel decisivo da natureza do *medium* e de suas formas de modelagem específicas que levam ao reconhecimento de que o sujeito se constitui mediante ações práticas com o *medium* por ele escolhido e com os quais e *pelos* quais a sua subjetividade se constitui.

*Principios de automedialidad y relato (audio)visual en la investigación (auto)biográfica en educación*, de Diego Leandro Marín Ossa, professor da Universidad Tecnológica de Pereira, Colômbia, é um artigo que apresenta resultados da reflexão conduzida em sua tese de doutorado, realizada na Universidad Autónoma de Barcelona. O autor se propõe a discutir princípios que visam compreender, aplicar e explicar a noção de *automedialidade* em narrativas (audio)visuais, tanto na formação, quanto na pesquisa. Para tanto, após definir a noção de *automedialidade* (Moser, 2019), apresenta coordenadas de narrativas (audio)visuais (auto)biográficas (Marín Ossa, 2022) e a intersecção entre investigação, autobiografia e educação com base em dados empíricos.

*Poéticas de banheiro: notas sobre formas de (re)existência em uma universidade* é o artigo proposto por Ana Clara de Rebouças Carvalho, da Universidade Federal da Bahia (UFBA). A autora toma como objeto de estudo as confissões femininas estampadas nas paredes de uma universidade pública do Nordeste brasileiro. Trata-se de um estudo de base etnográfica em que analisa 230 registros fotográficos de *graffitis* dispostos em banheiros femininos. Foram identificadas oito categorias analíticas de *graffiti*, associados a diversos temas: saúde mental, racismo, gênero, sexualidade feminina, política, vida universitária, *marketing* pessoal, comunicações solidárias. A diversidade temática revela medialidades e automedialidades compartilhadas nesses espaços íntimos, porém públicos, e indicam a potência

de criações estéticas para o conhecimento e o reconhecimento de desafios vivenciados pela comunidade discente que ressoam nas representações de si para além dos muros da universidade.

*Automedialidade e ressonância para a formação de si de jovens na universidade: ateliê com blogs reflexivos*, esse é o título do trabalho proposto por Rosemeire Reis, professora da Universidade Federal de Alagoas (UFAL). A autora apresenta um dispositivo de pesquisa-formação com indícios de *automedialidade* por seus pressupostos teórico-metodológicos e suas ressonâncias no processo de formação graduada de estudantes de Pedagogia de uma universidade pública federal. Os resultados da pesquisa põem em evidência processos de flexibilidade geradores de gestos automediais na produção de *blogs* e/ou vídeos. As análises contribuem para a compreensão dos desafios enfrentados por estudantes para se construírem como sujeitos, mediante o fortalecimento de sentimentos de pertença e de autoria no seio da comunidade universitária.

*Musicobiografização: prática automedial em educação musical* é um artigo de Delmary Vasconcelos de Abreu, professora da Universidade de Brasília (UnB), que se situa no âmbito da formação musical. A autora propõe o conceito de *musicobiografização* como uma aposta automedial, mediante a qual o sujeito se expressa, dá forma e se forma ao manipular o material sonoro em práticas musicais automediais. A ênfase recai, portanto, sobre a materialidade do *medium*: sons, letras, motivos rítmicos, melódicos, harmônicos, voz cantada, instrumentos musicais, aparatos tecnológicos, utilizados como mediadores de subjetivação na prática artística de jovens e adultos em sua autoformação musical.

*Memórias, automedialidade afrodescendente e formação* é um trabalho de Edilson Fernandes de Souza, da Universidade Fede-

ral de Pernambuco (UFPE). O artigo tem como base fragmentos da tese defendida pelo autor para o cargo de professor titular. O objetivo é apresentar a dança de matriz africana como prática medial na formação humana e estética, enquanto escrita de si. O autor entrecruza na estrutura narrativa do artigo, fotografias com foco no preconceito e racismo, interpretação de ancestrais divinizados, processo de criação e reprodução coreográfica em teatros e programas de televisão, além de turnês em diversos lugares por onde passou. Discute como a automedialidade, encontrada na dança afrodescendente, causou-lhe um profundo sentimento de pertencimento. Ao narrar sua história e suas relações de parentesco, faz um tributo a seus ancestrais que lhe permitiram fazer chegar a um grande número de espectadores a dança de matriz africana.

O *“eu” idêntico de Lepê Correia e a arte de se desenhar*, de Severino Lepê Correia, apresenta uma reflexão advinda de sua tese de doutorado, defendida na UFPE, de cunho (auto)biográfico. O autor focaliza o desenho, o conto e a fotografia como modos de reeducar seu olhar. O corpo é concebido como parte essencial de sua experiência, pois lhe permite ampliar a relação do seu “Eu” idêntico com outros “Eus”, mediante as formas que traça, narra e desenha para dar sentido às histórias de sua vida. Observa que desenhos com lápis, nanquim, esfregográfica, lápis cera, telas a óleo, imagem fotográfica constituem o pano de fundo de *“Nego Zau”*, um conto-crônica, que funciona como espaço-esteira automedial.

A *vivência em dança na formação de professores* é o artigo proposto por Luciana Haddad Ferreira e Victoria Ramos Takahachi, da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas) e da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), respectivamente. O estudo se insere no campo da formação docente, com foco na educação estética como

prática geradora do desenvolvimento e da ampliação do estado de consciência dos sentidos da identidade docente. As autoras tomam as cartas trocadas e outros registros narrativos como dados empíricos. As análises, realizadas em diálogo com os princípios da teoria histórico-cultural, evidenciam a dança como forma de expressão, processo de criação e de percepção de si e do outro. A pesquisa aponta para a importância da educação estética como pauta para se pensar a arte enquanto uma forma sensível de aproximação da realidade e de saberes produzidos coletivamente.

*Fragmentos (auto)biográficos na arte contemporânea – nos entre vãos da invenção de si*, artigo de autoria de Ana Paula Dias Pires e de Rita Tatiana Cardoso Erbs, da Universidade Federal de Catalão (UFCAT), focaliza fragmentos narrativos autobiográficos na arte de Adriana Varejão, mulher, artista contemporânea, brasileira. O objetivo é realizar uma leitura dos processos de autonarração e de heterobiografização no diálogo entre a obra de arte, o mundo e perspectivas para se pensar diferentemente a escrita de si. Duas linhas atravessam a pesquisa. A primeira focaliza a relação entre (auto)biografia e processos formativos. A segunda linha trata de críticas coletivas e sociais que podem ser evocadas com base em obras de arte. Admite-se, portanto, que a narrativa, por sua dimensão produtora de sentidos, participa da constituição do humano, tanto em sua singularidade, quanto em sua expressão social e coletiva, permitindo assim evidenciar os contágios entre arte e vida, práticas pedagógicas e produção de conhecimento.

*Relatos (auto)biográficos de escritores e produção artístico-literária subterrânea*, de Sahmaroni Rodrigues de Olinda, da Universidade Federal do Ceará (UFC), discute circuitos, suportes e identidades literárias de jovens artistas. O artigo enfoca a identidade de escri-

tor(a) e os modos como artistas jovens fazem circular e publicizam o que produzem, fazendo a literatura escorrer entre becos, ruas e bocas, para além do cânone escolar. A autora utiliza a abordagem (auto)biográfica para se aproximar do modo como dois artistas, em sua relação com a literatura, produzem a encenação de si enquanto escritores não legitimados pelas instâncias oficiais. As análises mostram a maneira como os dois narradores dobram, desdobram e redobram o conceito de escritor/literatura a partir de uma relação intensa, amorosa, religiosa com a arte para além das instituições legitimadoras/mercadoológicas. Ao fazerem escorrer a arte pela cidade, jovens artistas evidenciam que a literatura é viva e pulsante, que ela vive em seus fazeres, menos como produto e mais como processo de criação.

*Da insegurança linguística à insegurança biográfica: hipobiografização uma nova “prática automedial”.* Esse artigo de Frédéric Moussion, professor da Université de Paris Sorbonne Cité, traz importantes contribuições para a compreensão dos processos de biografização como uma prática automedial. O autor aborda os conceitos de insegurança linguística e de insegurança biográfica para estudar a emergência dos fenômenos de hipocorreção e de hipobiografização como nova forma de compreender a automedialidade. O artigo tem como fonte entrevistas biográficas, realizadas com Yaël, e visa mostrar como o conceito de prática automedial é revelador do poder de

ação da entrevistada sobre sua própria insegurança biográfica.

Por fim, o que se espera da leitura deste dossiê é que os estudos sobre *práticas automediais* venham a fortalecer a formação estética, tanto na escola, quanto ao longo da vida, enquanto forma de constituição humana, subjetiva e coletiva, ética e política. É notório que este poder criador do humano é, muitas vezes, invisibilizado ou apagado pela escola, seja por ser considerado pouco útil, seja por um suposto caráter transgressor. E não é raro que, apenas tardiamente, as pessoas se ofereçam o direito de se apropriar da arte – dança, canto, desenho, pintura, música... – como modo de reinvenção de si, reconhecendo que a vida escolar e/ou profissional as tenha privado desse poder de expansão identitária, regeneradora do ser. Trata-se afinal de dar este primeiro passo para a compreensão da *automedialidade*, aqui entendida, como um eixo potente da pesquisa (auto)biográfica em educação na sua forma de conceber e expandir uma fecunda visão da formação humana.

Paris, 9 de dezembro de 2023

Maria da Conceição Passeggi  
Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Universidade Caidade de São Paulo

Christine Delory-Momberger  
Université Sorbonne Paris Nord